

15-09-2021

'CAMPO-SANTO'

Chiara Lages

[Bibliotecária]

Há uns dias, passando apressada pela estante de casa, um conhecido arrepio percorreu minha espinha... recortes de jornais separados há um tempinho... lançaram-me um olhar marejado... irresistível... Adieei a janta, dedilhei as folhas acastanhadas, uma teimou em se deitar no chão... pura sedução, danadinha... Era uma reportagem sobre uma biblioteca num Campo-Santo. A Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura situa-se atrás da capela do Cemitério de Colônia* (Parelheiros, Zona Sul de São Paulo/SP, uma das regiões socialmente mais desiguais de São Paulo).

Essa história começa em 2008. Jovens da comunidade queriam reabrir a biblioteca da escola. Com o incentivo de projeto social da ONG Instituto Brasileiro de Estudo e Apoio Comunitário, reabriram a biblioteca em espaço da Unidade Básica de Saúde-UBS de Colônia. Precisaram sair em 2009 para ceder a sala ao atendimento odontológico.

Foi aí que surgiu a ideia de ocupar a casa do coveiro.

Os jovens "escritureiros" [escrita+aventureiros+Parelheiros] superaram o medo e seguem o propósito de encantar pela leitura... Uma das atividades dos escritureiros é tornar a Declaração Universal de Direitos Humanos de fácil compreensão para todas as pessoas. O espaço abrigava em 2019 um acervo de 4.500 livros e atividades para além: contação de histórias; troca de livros; algibeiras de livros no comércio local; mediadores de leitura nos eventos nas ruas; maternidade literária etc. "O melhor lugar para se esconder desses facinoras [governo Bolsonaro] é numa biblioteca". Sem dúvida!



<https://www.agenciainformal.org.br/wp-content/uploads/2019/09/4244e64f-fc72-4c1a-aa88-06b255b99a8c-1.jpg>

Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura
(Cemitério de Colônia/Parelheiros)

Na reportagem, dizia-se do medo inicial dos jovens em frequentar uma biblioteca na casa abandonada do coveiro. Os trabalhadores deste ofício, também conhecidos por sepultadores, abrem covas em cemitérios para que mortos sejam enterrados. O termo coveiro tem sido aplicado ao capitão genocida, que parece não suscitar medo nos apoiadores que o têm como mito. Mais lamentável são aqueles que mesmo não o tendo como messias, teimam em reelegê-lo como coveiro da pátria.

Com a ressalva aos trabalhadores que exercem essa penosa atividade essencial, é necessário destacar: não satisfeito com o genocídio, o coveiro do Brasil avança a passos largos no enterro da história dos brasileiros.

Sete palmos de terra não bastam para enumerar as atitudes perversas: cortes orçamentários; nomeações espúrias; racismo; perseguições a trabalhadores; expressões vulgares, grosseiras, ofensivas; desprezo em relação a tudo o que representa a cultura, incêndios de acervos, fogueira de livros; e a lista abominável de negacionismos conhecidos principalmente pelos que (deveriam) repousar nas covas.

Nas andanças de criança, com meu vô, conheci muitos 'campos-santos'. *Campo-sacro* era um dos jeitos de meu vô Luigi falar de biblioteca.

Dizia e completava em seu 'italianês': "*campo-sacro das palavras*".

O silêncio nos convida a pensar, *bambina mia*, não tenha medo de assombrações nos cemitérios. Almas penadas estão entre nós.

Os fantasmas que nos perseguem são os donos do poder. E vagueava a me contar dos primeiros tempos como Gráfico no Brasil e das lutas dos trabalhadores por dignidade. Luigi ensinou-me a temer e a lutar contra o fascismo. Não sei se falei aqui, meu vô era anarquista e ateu.

Eu também, graças a ele... E a reportagem renovou minha crença de que deus, nosso deus anarquista, habita prateleiras de bibliotecas... em especial às dedicadas a mostrar às crianças que livros acalentam melhor do que orações. A Caminhos da Leitura guarda também histórias de moradores de Parelheiros. Pois foi na área rural da região que a Escritora e Compositora Carolina Maria de Jesus escolheu viver de 1969 até sua morte em 1977. Voltou a despertar interesse nos anos recentes, mais de meio século após a primeira edição do famoso "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada" em 1960. Obra que "vendeu mais de um milhão de exemplares, traduzida para 14 idiomas, e um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior" ([veja](#)). Hora dessas voltaremos à Carolina de Jesus. Os "escritureiros" da Biblioteca do Cemitério de Colônia aventuram-se com as palavras para transformar Parelheiros.

Indicadores sociais talvez possam mensurar os impactos de suas atividades. Mas são esses jovens que sentem a violência e a desigualdade na pele e escrevem sua própria história de luta e transformação.

Como Carolina Maria de Jesus, na canção "O Pobre e o Rico" ([ouça](#)):

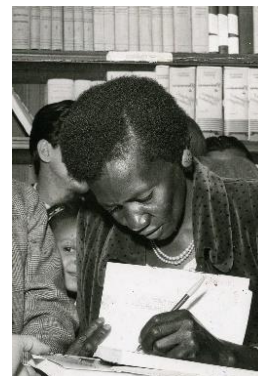
É triste a condição do pobre na terra
Rico quer guerra, Pobre vai na guerra
Rico quer paz, Pobre vive em paz
Rico vai na frente, Pobre vai atrás

[...]

Rico faz guerra, pobre não sabe por que
Pobre vai na guerra tem que morrer

Pobre só pensa no arroz e no feijão
Pobre só pensa no arroz e no feijão

Pobre não envolve nos negócios da nação
Pobre não tem nada com a desorganização



https://pt.wikipedia.org/wiki/Carolina_Maria_de_Jesus#cite_note-CamilaMaciel-4

Carolina Maria de Jesus autografando "Quarto de Despejo" em 1961.

Nota: *Cemitério fundado (1844) por colonos alemães luteranos para suprir a necessidade de sepultamentos que eram realizados no adro ou ao redor das igrejas católicas.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.